

**Reflexão sobre a apropriação das TICs pelas Mulheres Negras**

Thais Pereira da Silva<sup>1</sup>

Universidade de São Paulo (USP)

**RESUMO**

O presente trabalho tem por objetivo refletir sobre a apropriação das Tecnologias de Informação e Comunicação pelas mulheres negras brasileiras, como tática para a resistência contra o racismo, machismo e a exploração de classe, que mantêm o grupo na base da pirâmide de condição de vida no Brasil. O método de pesquisa utilizado no trabalho é bibliográfico, mobilizando as ideias das (os) seguintes autoras (es): García Canclini, Stuart Hall, Boaventura Sousa e Santos, Martín-Barbero, Nilma Lino Gomes, Sueli Carneiro, Rosane Borges, entre outras (os). Além da pesquisa bibliográfica, o trabalho faz referência a atuação das Blogueira Negras, que é uma mídia negra que utiliza a escrita como luta e resistência contra as opressões racistas, sexistas e classistas sofridas pelo grupo e as articulando. Desta forma, desconstruindo o discurso negativo sobre a mulher negra, criando sua própria narrativa e construindo identidades positivas.

**Palavras-chave:** Tecnologias de Informação e Comunicação; mulheres negras; redes sociais digitais.

---

<sup>1</sup> Bacharel em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo; pós-graduada (especialização) em Mídia, Informação e Cultura pelo Celacc; e pós-graduanda (mestrado) em Ciência da Informação pela USP.

## INTRODUÇÃO

O objetivo do presente trabalho é analisar a apropriação (como uso) das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) pelas mulheres negras, como tática para a resistência e emancipação do grupo.

As novas tecnologias são mais acessíveis aos grupos subalternos que as técnicas hegemônicas anteriores, pois não exigem alto investimento financeiro. Mesmo assim, o acesso às tecnologias ainda é problema a ser equacionado (SANTOS, 2007). “As novas tecnologias que vêm sendo progressivamente apropriadas por grupos dos setores subalternos, permitindo-lhes uma verdadeira revanche sociocultural, isto é, a construção da contra-hegemonia no mundo” (MARTÍN-BARBERO, 2014, p. 18).

Entretanto, o controle das TICs por empresas transnacionais diminui as ações de contrapoder dos grupos subalternos. Com isso, a internet tornou-se campo de disputa de poder entre a elite hegemônica e os movimentos sociais/minorias nos dias atuais.

Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD)<sup>2</sup>, as mulheres negras representam aproximadamente 53 milhões de pessoas da população brasileira. De acordo com a nomenclatura do IBGE, negra é a classificação que reúne pretos e pardos. Essa categoria justifica-se, segundo Carneiro (2011, p. 67), pois “do ponto de vista dos indicadores sociais, apresenta (pretos e pardos) condições de vida semelhantes e igualmente inferiores quando comparadas ao grupo branco”. Por isso, é possível afirmar ainda, que a pobreza no país articula raça e gênero.

O “Dossiê Mulheres Negras. Retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil”<sup>3</sup>, elaborado pelo Ipea, apresenta alguns dados que ilustram a vida da mulher negra no país. Os números indicam que as famílias chefiadas por mulheres negras têm os rendimentos *per capita* mais baixos, seguidas pelos homens negros, mulheres brancas e homens brancos. Além disso, a mulher negra

---

<sup>2</sup> Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) Disponível em < <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv98887>> Acesso em 10 jun 2017.

<sup>3</sup> Dossiê Mulheres Negras. Retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil. Disponível em < [http://ipea.gov.br/portal/index.php?option=com\\_content&id=20978](http://ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&id=20978) > Acesso 10 set 2016.

recebe 51% do que ganha a mulher branca. Embora as taxas de escolaridade<sup>4</sup> entre as mulheres negras tenham aumentado, a desigualdade continua no mercado de trabalho. As mulheres negras representam 21,9% das (os) trabalhadoras (es) domésticos, seguida pelas mulheres brancas 13,5%.

De acordo com o Mapa da Violência de 2015<sup>5</sup>, no período de 2003 e 2013, as meninas e as mulheres negras foram as principais vítimas de violência doméstica no país. Enquanto a taxa de homicídio de mulheres brancas diminuiu de 3,6 para 3,2 em 100 mil, houve crescimento da taxa das mulheres negras de 4,5 para 5,4 por 100 mil.

No primeiro tópico do artigo, analisa-se como a cultura pode legitimar a hegemonia de um sistema econômico ou contribuir para que as minorias étnicas ou movimentos sociais resistam à supremacia capitalista.

No segundo tópico, faz-se uma reflexão sobre as tensões relacionadas às TICs nos dias atuais. Por um lado, a internet amplia as vozes e a autonomia dos indivíduos e dos coletivos. Foram disponibilizados *links* de alguns artigos publicados no site Blogueiras Negras, mídia alternativa de mulheres negras, que exemplificam a atuação desta comunidade digital. Por outro, o controle das TICs pelas transnacionais e a vigilância dos Estados e das empresas globais, que ameaçam a liberdade de expressão dos indivíduos e coletivos nas redes digitais.

## **1. Relações de poder e cultura**

Teorizar sobre a globalização é uma tarefa complexa. As últimas décadas foram marcadas pelo aumento da transnacionalização dos mercados financeiros e da produção de bens de consumo e serviços (SANTOS ,1997)<sup>6</sup>, ou seja, pelo processo de globalização.

Em outras palavras, “globalização é, de certa forma, o ápice do processo de internacionalização do mundo capitalista” (SANTOS, 2007, p. 23). Porém, além das

---

<sup>4</sup> Em 2009, as taxas de mulheres negras ingressantes no ensino superior ultrapassam 10%. Em 2003, a taxa era de 5%.

<sup>5</sup> E-book Mulheres Negras e Violência Doméstica. < <https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2017/03/e-BOOK-MULHERES-NEGRAS-e-VIOL%C3%80NCIA-DOM%C3%89STICA-decodificando-os-n%C3%80meros-isbn.pdf>> Acesso em 10 jun 2016.

<sup>6</sup> Santos (1997) também argumenta que a globalização é um conjunto de diferentes relações sociais, por isso resulta em diferentes processos globalizações. Sendo assim, para o autor, o termo precisa ser utilizado no plural.

questões econômicas, o processo interfere nas dimensões políticas, culturais e sociais dos países. “É o processo pelo qual determinada condição ou entidade local estende a sua influência a todo o globo e, ao fazê-lo, desenvolve a capacidade de designar como local outra condição social ou entidade rival” (SANTOS, 1997, p. 14).

Neste sentido, as novas tecnologias – TICs - têm papel central na fase atual da globalização, interligando as economias dos países ricos e pobres e intercedendo nas culturas locais. Sendo assim, o processo tem contribuído para aprofundar e criar novas desigualdades e diferenças entre as nações. (SANTOS, 2007; CANCLINI, 2015; RIBEIRO, 2009; ALBAGLI e MACIEL, 2011).

Contudo, é importante assinalar que a globalização tecnológica também se apresenta como uma esperança de “revanche sociocultural” das nações pobres e das culturas locais, como afirma Milton Santos (2007). O autor analisa a internacionalização capitalista em três aspectos, como fábula (máquina ideológica), perversidade (o mundo como é) e possibilidade (uma outra globalização).

De um lado, a globalização fabula o processo avassalador do mercado, um processo que uniformiza o planeta e aprofunda as diferenças locais (...) Daí a perversidade sistêmica que implica e gera o aumento da pobreza e da desigualdade, do desemprego tornado já crônico, de enfermidades, que, como a Aids (...) Mas a globalização também representa um conjunto extraordinário de possibilidades (...) destacando-se dois deles: um, a enorme e densa mistura de povos, raças, culturas e gostos que acontece hoje (...) o outro, as novas tecnologias que vêm sendo progressivamente apropriadas por grupos dos setores subalternos, permitindo-lhes uma verdadeira revanche sociocultural. (BARBERO, 2014, P. 18)

Sendo assim, a globalização apresenta possibilidades tanto para a manutenção e reprodução de um sistema econômico, o neoliberal, quanto para que os grupos subalternos construam alternativas para a sua resistência e emancipação.

Como a cultura interfere, ou melhor, legitima a hegemonia de um sistema econômico, assim como pode contribuir para a resistência das classes subalternas à supremacia capitalista?

Por cultura designa-se “o conjunto dos processos sociais de significação ou, de um modo mais complexo, a cultura abarca o conjunto de processos sociais de produção, circulação e consumo da significação da vida social” (CANCLINI, 2015, p. 41). Isso significa que a cultura é conjunto de práticas que organizam e regem as condutas dos indivíduos e coletivos. Portanto, é a partir das práticas culturais que os

sentidos sobre os objetos, os fatos e os próprios sujeitos são produzidos e compartilhados coletivamente. (HALL, 1997).

Como funciona a articulação entre poder e cultura, que coloca as mulheres negras na base inferior da pirâmide de condição de vida da sociedade brasileira? Primeiramente, raça e gênero são construções sociais, discursos, que justificam as desigualdades sociais e econômicas de determinado grupo, a partir de distinções biológicas. (HALL, 2003, GONZALES, 1988).

É a categoria discursiva em torno da qual se organiza um sistema de poder socioeconômico, de exploração e exclusão – ou seja, o racismo. (...) Essa referência discursiva à natureza é algo que o racismo contra o negro compartilha com o anti-semitismo e com o sexismo (em que também a 'biologia é o destino'. (HALL, 2003, p. 69)

É no discurso que o sentido - o conhecimento- é produzido. “Foucault argumenta que, uma vez que só podemos ter conhecimento das coisas se elas tiverem sentido, é o discurso – não as coisas por elas mesmas – que produz conhecimento” (HALL, 2016).

O discurso racializado relaciona a população negra a tudo que é instintivo e a falta de intelecto. “Tal ponto de vista era justificado pelas evidências ditas científicas e etnológicas, com base em um novo tipo de ‘racismo científico” (HALL, 2016, p. 168). No século XIX, por exemplo, o conceito biológico de raça humana – inferior e superior - foi utilizado para justificar dominações e atrocidades contra alguns povos, como o nazismo de Hitler, na Alemanha, ou o Apartheid, na África do Sul. (GOMES, 2005).

Hall (1997) aponta que as identidades são formadas culturalmente. A intensificação das migrações e as novas tecnologias de comunicação, que facilitaram a troca de informação e conhecimento entre indivíduos de todo o globo terrestre, permitiram o contato entre diferentes culturas, influenciando e transformando as culturas e as identidades locais.

Com isso, as identidades já não são mais tão fixas e claras, surgindo novas identidades e fragmentando o indivíduo. (HALL, 2011). Dessa forma, as identidades são mais camisas que peles, como diria Hobsbawm<sup>7</sup>. (CANCLINI, 2015).

---

<sup>7</sup> Citado por Canclini (2015).

Como a identidade se relaciona com o poder? Hall (2003, p.85) assegura que “As identidades, portanto, são construídas no interior das relações de poder (Foucault, 1986). Toda identidade é fundada sobre uma exclusão e, neste sentido, é ‘um efeito de poder’”.

Gomes (2005, p. 57) argumenta, que como corrente ideológica, “mito da democracia racial atua como um campo fértil para a perpetuação de estereótipos sobre os negros, negando o racismo no Brasil, mas, simultaneamente, reforçando as discriminações e desigualdades raciais”. Embora a população brasileira seja miscigenada, percebe-se que a mistura não produziu uma sociedade brasileira com igualdade social entre brancos e negros. Em vez disso, a negação do racismo – o silêncio – dificultou a tomada de consciência e a construção de uma identidade negra positiva. (MUNANGA, 1996).

A identidade negra, segundo Gomes (2005), é uma construção social, cultural e plural, além de ser um ato político. Além disso, ela acrescenta que é difícil construir uma identidade negra forte no Brasil, pois as negras e os negros são ensinados a renegarem a sua negritude desde cedo.

Munanga (1996) explica que o caminho para o fortalecimento da identidade negra é uma tarefa complexa, que passa pela valorização da cor da pele, do conhecimento da história, da religião e da visão de mundo africana, assim como o resgate da história da (o) negra (o) na sociedade brasileira – na arte, na música, na contribuição para a economia. “A questão fundamental é esse processo de tomada de consciência da nossa contribuição, do valor da nossa cultura, da nossa visão do mundo, do nosso ‘ser’ como seres humanos; e valorizar e utilizar isso como arma de luta para mobilização” (MUNANGA, 1996, p. 225).

As mulheres negras brasileiras têm fragmentos de diversas identidades, como raça, gênero, classe social, escolaridade, entre outros, que são articuladas. Não há uma única identidade de mulher negra, há várias.

É a partir dessa identidade que as mulheres negras podem reafirmar sua diferença e reivindicar a sua autonomia. (GOMES, 2005). “Pois o que reativa hoje as identidades como motor de luta é a inseparável demanda de reconhecimento e

sentido (...) a identidade é hoje a força mais capaz de introduzir contradição a hegemonia” (MARTÍN-BARBERO, 2014, p. 24).

Qual é imagem relacionada à mulher negra? Borges (2017, em entrevista concedida a Thais Pereira da Silva) afirma que a mulher negra ocupa o lugar definido para os grupos subalternos no imaginário coletivo. “É um lugar expropriado da humanidade, é um lugar reduzido em termos de significantes e significados, ou seja, a mulher negra não pode representar o universal da mulher”. Neste sentido, a reprodução constante da imagem da mulher negra, como a mulata sexualmente atraente, a empregada doméstica e a mãe preta nos discursos sociais – manuais escolares, imprensa hegemônica, entre outros – produzem lugares fixos para o grupo. (BORGES, 2012 e SODRE, 2015).

Embora ainda ocupamos lugares subalternizados, a mulher negra tem do ponto de vista da dinâmica social uma perspectiva plural. Inclusive não existe apenas um tipo de empregada negra, não existe apenas um tipo de sambista, é dessa pluralidade que a gente fala. É essa pluralidade é presente nos grupos raciais hegemônicos, o branco pode ser tudo. Os significantes das mulheres negras são sempre regrados. Por que são regrados? Para eles corresponderem com o imaginário que nos colocam (mulheres negras) em lugares já pré-definidos. (BORGES, 2017, em entrevista concedida a Thais Pereira da Silva).

Por isso, não é possível implantar discurso antirracista na imprensa tradicional, fazendo-se relevante criação de mídias alternativas para a resistência econômica e cultural da população negra. (SODRE, 2015).

## **2. Tecnologias de Informação e Comunicação: Da autonomia ao controle e vigilância.**

As TICs transformaram vários aspectos da vida social dos indivíduos nas últimas décadas. Porém, as mudanças mais relevantes para a pesquisa são as relacionadas às identidades culturais e às formas de organização, mobilização social e disseminação de informação –conteúdo simbólico. (RECUERO, 2009, CASTELLS, 2013, ALMEIDA, 2014).

O sentido é também produzido em uma variedade de mídias; especialmente, nos dias de hoje, na moderna mídia de massa, nos sistemas de comunicação global, da tecnologia complexa, que fazem sentidos circularem entre diferentes culturas numa velocidade e escala até então desconhecidas na história (Hall, 2016 apud Du Gay, 1997)

Todavia as empresas globais, como Facebook, Google, Twitter, Microsoft, entre outras mantêm o controle de grande parte da internet mundial, o que é um problema para a diversidade cultural.

Sendo assim, as novas tecnologias, em especial a internet, tornaram-se campo de disputa de poder entre a elite hegemônica e os movimentos de resistência/classes subalternas. (ALBAGLI e MACIEL, 2011)

Nesta perspectiva, o desafio atual é analisar as tensões geradas pela autonomia / ampliação de vozes e a vigilância / controle das TICs pelas empresas transnacionais. (ALBAGLI e MACIEL, 2011; PARRA e ABDO, 2016).

## **2.1 Mídias Negras: ampliação das Vozes**

Embora – na perspectiva da globalização - os fluxos de informações entre os países continuem desiguais, as TICs possibilitam que as classes subalternas, que não são representados nas mídias hegemônicas ou estereotipados por elas, tenham visibilidade.

Neste sentido, Alakija (2012, p.140) destaca as afro-mídias ou mídias afros como canais para expressão e disseminação de conteúdo simbólico produzida por grupos da população afro-brasileira, que confronta os discursos racistas das mídias hegemônicas, assim como os discursos sexistas e a exploração de classe.

Sob esta ótica a globalização pode parecer em um primeiro momento o fim das fronteiras entre os países e homogeneização das culturas, com o advento de uma cultura global e única, e ao mesmo tempo o apagamento das culturas locais. Entretanto, essa afirmação não tem se confirmado, o que se percebe ao contrário é o desenvolvimento de culturas e identidades híbridas. Martel (2015) argumenta que a internet se revela mais uma territorialização do que uma mundialização cultural. O território não significa necessariamente espaço físico, mas “assume uma forma linguística ou cultural; reflete então uma comunidade unida por interesses ou gostos” (MARTEL, 2015, p. 417).

Em outras palavras, a internet propicia que as mulheres negras, por exemplo, encontrem-se, organizem-se e mobilizem-se a partir de um território, o da identidade,

ou melhor, das identidades (pluralmente). Além disso, a ferramenta permite que a escrita se transforme em ato político, contribuindo para que a mulher negra possa construir sua própria narrativa e história, desconstruir o discurso racista, sexista e classista e a criar imagens positivas do grupo.

No que se refere aos conhecimentos afro-brasileiros, as novas tecnologias permitem que o resgate e a valorização dos saberes populares e aspectos da cultura e da história negra. Nesta perspectiva, contesta-se a dominação epistemológica pelos europeus dos povos e das nações colonizadas e anulação dos seus saberes, a partir do conceito epistemologias do Sul que são “o conjunto de intervenções epistemológicas que denunciam essa supressão, valorizam os saberes que resistiram com êxito e investigam as condições de um diálogo horizontal entre conhecimentos” (SANTOS, 2010, p. 13)

Albagli e Maciel (2011) afirmam que “a visão ‘do Sul’ – ou melhor, uma visão não eurocêntrica e antropocêntrica – é, por sua vez, ressaltada como sendo portadora de possíveis respostas alternativas e inovadoras no sentido da radicalização e aprofundamento da democracia” (MOULIER BOUTANG apud ALBAGLI e MACIEL, 2011).

## 2.2 Blogueiras Negras

Lançado no dia 8 de março de 2012, Blogueiras Negras é uma afro-mídia idealizada por mulheres negras, que acreditam na escrita como ferramenta da luta contra o racismo, machismo e a exploração de classe, a partir do feminismo negro ou interseccional<sup>8</sup>. Além da Charô Nunes e da Larissa Santiago, coordenadoras do site, aproximadamente 200 mulheres negras – colaboradoras - escrevem para o Blogueiras Negras.

Por que articular raça, gênero e classe? Como os dados apresentados na introdução deste trabalho confirmam, as mulheres negras ocupam a base inferior da pirâmide de condição de vida, suportando assim as opressões racistas, machistas e

---

<sup>8</sup> “When it comes to social inequality, people’s lives and the organization of power in a given society are better understood as being shaped not by a single axis of social division, be it race or gender or class, but by many axes that works together and influence each other”. (COLLINS; BILGE, 2016, p. 2)

classistas. (bell hooks, 2015). Davis (2017, p. 140) acrescenta que “há uma inter-relação objetiva entre racismo e sexismo no sentido de que o contexto geral das duas formas de opressão em nossa época é a luta de classes que se desenrola entre o capitalismo monopolista e a classe trabalhadora”.

Carneiro A partir das experiências das mulheres negras latino-americanas, especialmente as brasileiras, Gonzales (1988, p.17) observa:

Trata-se de uma discriminação em dobro para com as mulheres não-brancas da região: as amefricanas e as ameríndias. O duplo caráter da sua condição biológica – racial e sexual – faz com que elas sejam as mulheres mais oprimidas e exploradas de uma região de capitalismo patriarcal-racista dependente. Justamente porque este sistema transforma as diferenças em desigualdades, a discriminação que elas sofrem assume um caráter triplo, dada sua posição de classe, ameríndias e amefricanas fazem parte, na sua grande maioria, do proletariado afrolatinoamericano.

Assim como a maioria dos textos publicados em blogs, os relatos das Blogueiras Negras são mais próximos da linguagem oral que escrita. Os temas abordados nos textos são os mais variados, como as histórias das heroínas na luta pela libertação dos escravos - Dandara dos Palmares, Luisa de Mahín, Anastácia, Teresa de Bengala, entre outras. Além disso, os relatos mobilizam traços da cultura africana e afro-brasileira<sup>9</sup> que resistiram à colonização epistêmica<sup>10</sup> ou confrontam os estereótipos<sup>11</sup> associados ao grupo no país.

Nota-se que muitas personagens negras esquecidas pela história, pela mídia e pela literatura hegemônica brasileira são protagonistas dos relatos do site. No texto “Carolina Maria de Jesus: a mídia racista e a literatura no ‘Quarto de Despejo’”<sup>12</sup>, publicado em 24 de maio de 2014, Luma Oliveira, autora do texto, relembra a vida e a obra principal da escritora “Quarto de Despejo”, expondo os preconceitos racistas, machistas e classistas que levaram ao apagamento da

---

<sup>9</sup> Texto de Amanda Cabral. Disponível em < <http://blogueirasnegras.org/2015/09/08/no-rufar-do-tambor/>> Acesso em 6 jun 2016.

<sup>10</sup> Texto de Giovana Xavier. Disponível em < <http://blogueirasnegras.org/2017/07/03/intelectuais-negras-visiveis-uma-nacao-linda-e-preta/>> Acesso em 3 jul 2017.

<sup>11</sup> Texto de Maria Rita Casagrande. Disponível em <http://blogueirasnegras.org/2013/12/10/valente-sobre-estereotipos-de-genero-e-violencia/> Acesso em 10 jun 2016

<sup>12</sup> Disponível em <<http://blogueirasnegras.org/2014/05/27/carolina-maria-de-jesus-a-midia-racista-e-a-literatura-no-quarto-de-despejo/>>. Acesso em 17 set 2017.

Carolina Maria de Jesus. O post tem 6.725 visualizações<sup>13</sup>, seis comentários e 807 compartilhamentos no Facebook.

O preconceito linguístico que marcou a trajetória da Carolina Maria de Jesus ainda reverbera nas mulheres negras. Em “Subjetividade como instrumento político”, publicado em 2 de julho de 2016, Juliana Bartolomeu relata a sua vivência como mulher negra na universidade. Além disso, ela reflete sobre o preconceito linguístico sofrido por algumas blogueiras negras.<sup>14</sup> A publicação tem 376 visualizações, um comentário e 35 compartilhamentos no Facebook.

É claro que o racismo, o sexismo, a exploração de classe, a homofobia são tópicos recorrentes nos textos das Blogueiras Negras. No relato “Os privilegiados têm cor, classe, gênero e endereço certo!<sup>15</sup>”, publicado em 13 de junho de 2016, Antônia Gabriela Pereira escreve sobre a sua história de vida, marcada pela pobreza, racismo, machismo e homofobia. Percebe-se que a autora descreve todas as opressões sofridas por ela sem hierarquizá-las, articulando-as. O texto tem 2.270 visualizações.

Contudo, percebe-se que a criação de mídias negras – blogs, redes sociais digitais - pode não ser alternativa para a emancipação das mulheres negras. Isso porque tem crescido as tendências de controle e vigilância na internet. “A experiência da autonomia individual dos ambientes digitais contrasta com a sua propriedade concentrada e o controle cibernético à disposição dos donos” (PARRA e ABDO, 2016, p. 335)

### **2.3 Controle e Vigilância das redes e novas formas de atuação**

No contexto da globalização, as empresas transnacionais concentram a maior parte das propriedades dos meios de comunicação, ou seja, com as TICs e os produtos culturais, aumentando o poder dessas empresas globais e diminuindo o

---

<sup>13</sup> Em 17/09/2017

<sup>14</sup> Disponível em < <http://blogueirasnegras.org/2016/07/02/a-subjetividade-como-instrumento-politico/>> Disponível em 17 set 2017.

<sup>15</sup> Disponível em < <http://blogueirasnegras.org/2016/07/13/os-privilegiados-tem-cor-classe-genero-e-endereco-certo-as-mulheres-negras-pobres-tem-que-resistir-e-lutar-24h-por-dia-pois-nao-estao-em-nenhum-desses-lugares-de-privilegios/>> Acesso em 14 set 2017.

poder de ação dos grupos subalternos, como as mulheres negras, na internet. (CANCLINI, 2015; ALBAGLI e MACIEL, 2011; PARRA e ABDO, 2016).

Outro problema apontado por Parra e Abdo (2016) são as forças centralizadoras das redes digitais. 1) No Brasil, os preços de acesso à internet são um dos mais altos do mundo e as regiões mais periféricas tendem a ter o serviço mais caro ainda. 2) Produtos vendor *lock-in* (Exemplos: documentos do Microsoft Office ou livros adquiridos pelo Kindle), que mantêm os usuários reféns das plataformas. 3) A centralização dos serviços do Facebook ou Google. Para acessar outras plataformas na internet, os usuários utilizam seus *logins* das duas redes sociais digitais. 4) Intensificação das fusões entre as empresas globais da internet. O Facebook adquiriu o Whatsapp e Instagram. Já o Google comprou o Youtube. 5) O lucro baseado na exploração dos dados dos usuários.

Ferreira (2014) argumenta que a liberdade de expressão na internet, em especial as redes sociais digitais, proclamada por alguns autores como o Manuel Castells, é uma grande incerteza. Isso ficou claro quando o estadunidense Edward Snowden divulgou, em 2013, que a Agência Nacional de Segurança (NSA) dos Estados Unidos espionava autoridades e empresas de outros países e cidadãos do próprio país. O Governo dos EUA argumentou que a ação tinha como intenção manter a segurança do país e proteger seus cidadãos.

Neste sentido, os governos e as empresas globais de tecnologia têm utilizado a prerrogativa de proteção aos cidadãos para vigiá-los. Mas quais são as verdadeiras intenções deles? Embora o discurso oficial argumente que a vigilância na internet tem como objetivo a proteção dos indivíduos, o que está em jogo na realidade é o interesse dominante, a manutenção do sistema capitalista, assim como diminuir a atuação dos grupos de contrapoder. (FERREIRA, 2014).

Existem outras formas de vigilância e controle social que são – cada vez mais – realizados pelas grandes corporações da internet, como bloquear ou censurar informações que são veiculadas, principalmente nas principais redes sociais digitais, - Facebook, Google, Twitter e Youtube. Em 2017, uma ativista negra<sup>16</sup> estadunidense teve seu perfil do Facebook bloqueado após escrever críticas sobre

---

<sup>16</sup> Disponível em <<https://conversations.e-flux.com/t/does-facebook-discriminate-against-black-activists/6621>> Acesso em 25 mai 2017.

racismo e a supremacia branca “Ações essas que colocam em evidência as relações intrínsecas e cada vez mais fortes entre informação, conhecimento e poder no mundo contemporâneo” (FERREIRA, 2014, p. 110)

Por isso, faz-se necessário a apropriação das TICs também no desenvolvimento de novas plataformas.

Em reação a esses problemas, uma era de soluções surgiu, como protocolos e aplicativos federados para mensagens instantâneas (XMPP), microblogs (Pump), identidade (OpenID, Oauth), rede social (Friendica, Diaspora), armazenamento (WebDav, Tent) (...) Há também uma luta entre a necessidade de desenvolver novos serviços para equiparar ou superar as ofertas centralizadas, e fazê-lo de forma passível de interoperabilidade. (PARRA e ABDO, 2016, p. 347)

Embora existam alguns projetos que estimulem a participação das mulheres na área da tecnologia, poucos fazem a intersecção entre raça, gênero e classe social no Brasil.

Criado pelo Olabi, organização que tem como foco a promoção da diversidade na produção de tecnologias, o Pretalab tem como objetivo principal mapear as iniciativas desenvolvidas por mulheres negras e indígenas no mundo das tecnologias. Com os dados obtidos, a ideia é: “Após a tabulação dos dados, queremos conectar as meninas com os mesmos interesses e quem sabe criar um espaço de formação contínua para elas” (BAHIA, 2017, em entrevista concedida a Thais Pereira da Silva).

Outra iniciativa que faz a articulação entre raça, gênero, classe e tecnologia é a Minas Programam<sup>17</sup>. Idealizado pelas feministas Ariane Cor, Bárbara Paes e Fernanda Balbino, as Minas Programam realizam palestras e oferecem cursos de iniciação a tecnologia. Em 2015, aconteceu a primeira edição do curso, que teve 60 mulheres inscritas, sendo que 30 delas foram selecionadas para as aulas. Como as organizadoras do projeto não são programadoras, as aulas são ministradas por professoras voluntárias. Em 2017, as Minas Programam organizaram a segunda edição do curso, que deu preferência às mulheres negras durante a seleção para as oficinas.

Ademais, o Pretalab e as Minas Programam se uniram, em 2017, e promoveram uma oficina de wordpress para coletivos de mulheres negras, no Rio de

---

<sup>17</sup> Disponível em <<http://minasprogramam.com>> . Acesso em 20 jun 2017.

Seminário FESPSP 2017 - Incertezas do trabalho  
02 a 05 de outubro de 2017

GT 16: Relações Raciais e Étnicas na América Latina: Ancestralidades e Lutas

Janeiro. O objetivo do workshop foi compartilhar conhecimento da ferramenta wordpress. No dia 24 de junho, cinco coletivos participaram da oficina, entre eles o Nuvem Negra, da PUC –RIO, que há dois projetava desenvolver um site e conseguiu criá-lo durante as cinco horas do encontro.

### **Considerações Finais**

As mulheres negras brasileiras encontram-se na base inferior da pirâmide de condição de vida, suportando as opressões racistas, sexistas e classistas. Apesar de ser a maior parcela – em números – da população do Brasil, o grupo enfrenta dificuldades para ingressar no mercado de trabalho, ocupar cargos de chefia, acessar as universidades, e, principalmente, é o mais vitimado pela violência de gênero.

As TICs transformaram vários aspectos da vida social dos indivíduos nas últimas décadas. Porém, as mudanças mais relevantes (para esta pesquisa) são relacionadas às identidades culturais e às formas de organização, mobilização social e disseminação de informação –conteúdo simbólico.

As novas tecnologias têm sido apropriadas (uso) pelas classes subalternas, entre elas as mulheres negras, como tática para a resistência e a emancipação. Proliferam na internet blogs, sites e redes sociais digitais criadas pelas mulheres negras como o Blogueiras Negras, para a desconstrução do discurso racista, sexista e classista e a criação de identidades (no plural) positivas sobre o grupo.

Contudo, o crescimento do controle das TICs, em especial a internet, pelas empresas transnacionais tem diminuído a liberdades de expressão e a mobilização dos movimentos sociais e das minorias nas redes digitais. Com isso, a internet tornou-se um campo de disputa de poder entre as classes subalternas e a elite hegemônica capitalista.

Portanto, considera-se essencial que as mulheres negras (assim como todos os grupos subalternos e as minorias étnicas) apropriem-se das TICs como tática para a resistência e para a emancipação, porém faz-se necessário que as redes digitais não sejam apropriadas apenas como uso para a criação de blogs ou redes digitais sociais, mas também para o desenvolvimento de novas plataformas.

## Referências Bibliográficas

ALAKIJA, Ana. Mídia e Identidade Negra. In. **Mídia e Racismo**. Orgs. Roberto Carlos da Silva Borges e Rosane Borges. Petrópolis, 2012. P. 108- 154 Disponível em <  
<http://www.abpn.org.br/novo/attachments/article/92/M%C3%ADdia%20e%20Racismo.pdf>> Acesso em 20 jul. 2016.

ALBAGLI, Sarita. E MACIEL, Maria Lucia. Informação, poder e política: a partir do sul, para além do sul. In: ALBAGLI e MACIEL (org). **Informação, conhecimento e poder, mudança tecnológica e inovação social**. Rio de Janeiro: Garamond, 2011.

ALMEIDA, Marco Antônio de. Mediação e mediadores nos fluxos tecnoculturais contemporâneos. **Informação & Informação**, v. 19, n. 2, p. 191-214, out. 2014. Disponível em: <  
<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/20000>> Acesso em: 15 jun. 2016.

BAHIA, Silvana. PretaLab. Entrevista concedida à Thais Pereira da Silva. São Paulo, 12 jun. 2017.

Bell hooks. Mulheres negras: moldando a teoria feminista. In **Rev. Bras. Ciênc. Polít.** 2015, n.16 pp. 193-210 Disponível em: <  
[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-33522015000200193&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-33522015000200193&lng=en&nrm=iso)> Acesso em: 10 ago. 2016

BLOGUEIRAS NEGRAS. Disponível em < <http://blogueirasnegras.org/>> Acesso em: 11 jul 2016.

BORGES, Rosane. Entrevista concedida à Thais Pereira da Silva. São Paulo, 14 mar. 2017.

BORGES, Rosane. Mídia e Identidade Negra. In. **Mídia e Racismo**. Orgs. Roberto Carlos da Silva Borges e Rosane Borges. Petrópolis, 2012. P. 180-206. Disponível em <  
<http://www.abpn.org.br/novo/attachments/article/92/M%C3%ADdia%20e%20Racismo.pdf>> Acesso em 20 jul. 2016.

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, Sexismo e Desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011.

CARNEIRO, Suelaine. **Mulheres Negras e Violência Doméstica: decodificando os números**. São Paulo: Geledés Instituto da Mulher Negra, 2017.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança. Movimentos sociais na era da internet**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

COLLINS, Patricia Hill. Se perdeu na tradução? Feminismo negro, interseccionalidade e política emancipatória. **Revista Parágrafa**. Jan/Jun 2017, v. 5, n. 1. Disponível em <  
<http://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/view/559>> Acesso em: 7 jul. 2017.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Intersectionality**. Cambridge: Polity Press, 2016.

DAVIS, Angela. **Mulheres, Raça e Classe**. São Paulo: Editora Boitempo, 2016.

\_\_\_\_\_. **Mulheres, Cultura e Política**. São Paulo: Editora Boitempo, 2017.

FERREIRA, Rubens da Silva. A Sociedade da Informação como sociedade de disciplina, vigilância e controle. **Información, cultura y sociedad**, v.31, p. 109-120, dez. 2014.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. **Diferentes, Desiguais e Desconectados. Mapas da interculturalidade**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2015.

GARCÍA GUTIÉRREZ, Antonio. Cientificamente favelados: uma visão crítica do conhecimento a partir da epistemografia. **TransInformação**, Campinas, v.18, n2, p.103-112, mai/ago. 2006.

GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: **BRASIL. Educação Anti-racista: caminhos abertos pela Lei federal nº 10.639/03**. Brasília, MEC, Secretaria de educação continuada e alfabetização e diversidade, 2005. P. 39 - 62.

GONZALES, Lélia. Por um Feminismo Afro-latinoamericano. In: **Revista Isis Internacional**, Santiago, v. 9, p. 133-141, 1988.

HALL, Stuart. **Da Diáspora. Identidades e Mediações Culturais**. Belo Horizonte: Humanitas, 2003.

\_\_\_\_\_. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

\_\_\_\_\_. **Cultura e Representação**. Rio de Janeiro: Editora Puc Rio, 2016.

\_\_\_\_\_. A centralidade da cultura: nota sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v, nº 2, jul/dez. 1997.

LINS RIBEIRO, Gustavo. Diversidade cultural como discurso global. In: **Outras globalizações: cosmopolitas pós-imperialistas**. Rio de Janeiro: Editora UERJ, 2014.

MARTEL, Frédéric. Smart. **O que você não sabe sobre a internet**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2015.

MARTÍN BARBERO, Jesús. Diversidade em convergência. In **Revista Matrizes**. São Paulo, VS, Nº 2, jul/dez, 2014. Disponível em <<http://www.revistas.usp.br/matrizes/article/viewFile/90445/93215>> Acesso em: 20 jun.2016

MUNANGA, Kabengele. As facetas de um racismo silenciado. In: **Raça e Diversidade**. São Paulo: Edusp/Estação, 1996.

PARRA, Henrique Z. M. e ABDO, Alexandre Hannud. Tendências democráticas e autoritárias, arquiteturas distribuídas e centralizadas. **Liinc em Revista**. Rio de Janeiro, v.12, n.2, p. 334-349, nov. 2014.

RECUERO, Raquel. **A Conversação em Rede. Comunicação mediada pelo computador e redes sociais na internet.** Porto Alegre: Sulina, 2014.

SANTOS, Boaventura Sousa. Um discurso sobre as ciências na transição para uma ciência pós-moderna. Porto: **Afrontamento**, 1987. Disponível em < <http://www.scielo.br/pdf/ea/v2n2/v2n2a07.pdf> > Acesso em 11 mar. 2017.

\_\_\_\_\_. Por uma concepção multicultural dos direitos humanos. In: **Revista Crítica de Ciências Sociais.** Coimbra, n.48, jun. 1997.

\_\_\_\_\_ e MENESES, Maria Paula. Introdução. In: **Epistemologias do Sul.** Coimbra: Editora Almedina, 2010.

SANTOS, Milton, **Por uma outra globalização do pensamento único à consciência universal.** Rio de Janeiro. Record, 2007.

SODRÉ, Muniz. **Claros e Escuros. Identidade, povo, mídia e cotas no Brasil.** Petrópolis: Editora Vozes, 2015.

YÚDICE, George e RINCÓN, Omar. A amplitude da fala será a realização da diversidade tão desejada desde os anos 1980?. Entrevista com Jesús Martín-Barbero. In: **Políticas culturais para a diversidade: lacunas inquietantes.** Revista Observatório Itaú Cultural, n.20, jan/jun. 2016.